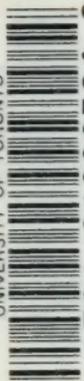


UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01660584 2

QUADRO SYNTHETICO DA EVOLUÇÃO
DOS GENEROS
NA LITTERATURA BRASILEIRA

PQ
9511
R63
1911
C.1
R0BA

DO MESMO AUCTOR

<i>Discursos</i> , 1 vol.	500
<i>Martins Penna</i> , 1 vol.	400
<i>America Latina</i> , 1 vol.	500
<i>Provocações e Debates</i> , 1 vol.	800



SYLVIO ROMÉRO

QUADRO SYNTHETICO

DA

EVOLUÇÃO DOS GENEROS

NA

LITTERATURA BRASILEIRA



PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De LELLO & IRMÃO, editores

RUA DAS CARMELITAS, 144

—
1911

MICROFORMED BY
PRESERVATION
SERVICES

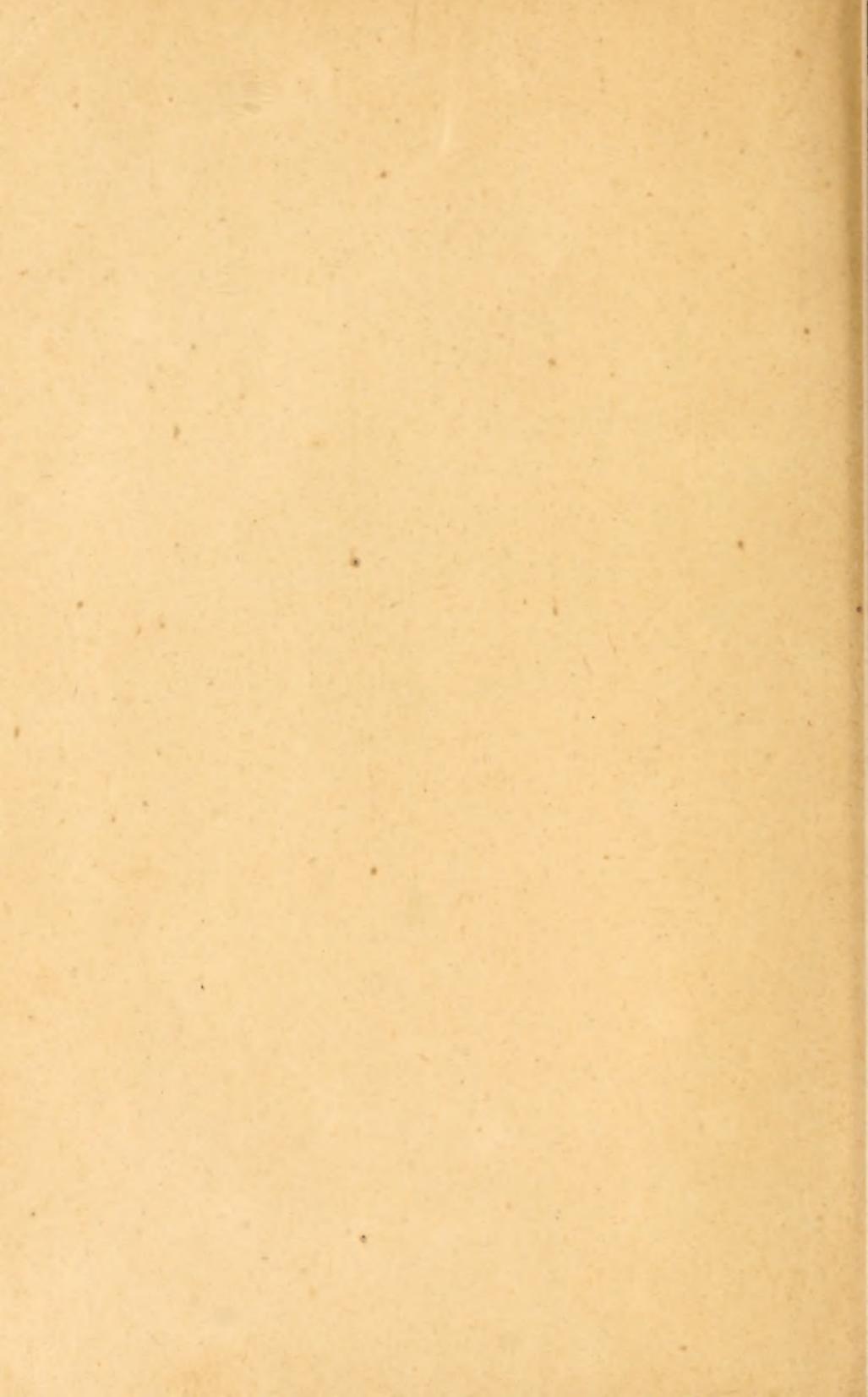
DATE.....OCT. 2. 5. 1997

O "acordo,, assignado no Rio de Janeiro em 9 de Setembro de 1889, entre o Brasil e Portugal, assegurou o direito de propriedade litteraria e artistica em ambos os paizes.

A presente edição está devidamente registada nas Bibliothecas Nacionaes, de Lisboa e Rio de Janeiro.

*A Theotônio Freire e França Pereira, dois Grandes
Espíritos do Norte.*

SYLVIO ROMERO.



Sentido theorico da litteratura brasileira

O problema theorico da evolução brasileira, quer sob o ponto de vista litterario, quer tomada ella em sua completa generalidade, abrangendo todas as faces da actividade nacional, não se deixa resolver, como desastradamente pensam alguns, só pela apreciação da maior ou menor importancia que aos nossos proprios olhos tenhamos dado ao nosso paiz e a nós mesmos. A cousa é muito mais complexa.

Era natural, sem duvida, antolhar-se aos primeiros colonos, ainda desprovidos de quaesquer commodidades e recursos, a terra como *melancolica*. O mesmo ainda hoje acontece ao immigrante que, ao chegar, se vê falho de collocação, desequilibrado deante do desconhecido.

Quantas bellas cidades europeas não pare-

cem inspidas ao viajante estrangeiro, que a ellas chega, desconhecendo os prázeres e particularidades da vida local! E' o caso, notavelmente, de Londres, sempre aborrecida dos forasteiros, que alli se demoram cinco ou seis dias, e sempre encantadora aos que se deixam ficar por dilatados mezes e annos. E é gente que viaja com conforto e para se divertir... Era tambem natural que o desenvolvimento progressivo da cultura, da vida civil e do conhecimento das riquezas do paiz, fixando mais o colono ao solo, o fizesse vêr com melhores olhos as bellezas da terra. Naturalissimo, finalmente, era que a população nova, oriunda dos colonizadores, quando viesse a preponderar em numero, se considerasse igual e até superior em predicados aos filhos da metropole.

Estes phenomenos se deram sempre, desde que o homem se lembrou de descobrir e colonizar terras. Não são peculiares ao Brasil e não podem, pois, servir de base ou ponto de partida para uma differenciação do nosso caracter. São em demasia genericos.

Além disso, não é de todo certo que, no primeiro momento, no tempo de Nobrega, An-

chieta, Aspicuella Navarro, Gandavo, Gabriel Soares, todos, apesar de certo pessimismo reinante desde então e que nunca mais nos abandonou completamente, recrudescendo de tempos a tempos, todos achassem melancolica a terra e a tratassem com desdem. O proprio egregio jesuita, José de Anchieta, cantou mais de um dithyrambo ás suas maravilhas, e o mesmo fizeram seus companheiros e contemporaneos. Gabriel Soares, por exemplo, quasi só tem louvores para os recursos naturaes do paiz por toda a magnifica descripção que faz da costa brasilica, desde o Amazonas até muito além do Rio da Prata. O melhor dos seus encomios deixou-o, como era de vêr, para a Bahia, a terra de sua residencia e empreendimentos. «Atraz fica dito, escreveu elle no começo da segunda parte do seu admiravel *Tratado*, passando pela Bahia de Todos os Santos, que se não soffria naquelle logar tratar-se das *grandezas* della, pois não cabiam alli: o que se faria ao diante mui largamente, depois que se acabasse de correr a costa com que temos já concluido. Da qual podemos agora tratar e explicar o que se della não sabe para que venham á

noticia de todos os occultos desta *illustre terra*, por cujos merecimentos deve ser mais estimada e reverenciada do que agora é... Como El-Rei D. João III de Portugal soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, sabendo já das *grandes partes da Bahia, da fertilidade da terra, dos bons ares, maravilhosas aguas e da bondade dos mantimentos della*, ordenou...¹

Assim falava o maior observador português, que pisou terras da America, em 1587, e em taes palavras muito áquem ficou do veneravel Anchieta, que dois annos antes, já tinha dito: «Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo o anno arvore e nem herva sêcca. Os arvoredos se vão ás nuvens de admiravel altura e grossura e variedades de especies. Muitos dão bons fructos e o que lhes dá graça é que ha nelles muitos passarinhos de formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinões, pin-tasilgos, colorinos e canarios de Portugal, e fazem uma harmonia quando um homem vae

¹ *Tratado Descritivo do Brasil*, edição do Rio de Janeiro, 1879, pag. 101.

por este caminho, que é para louvar ao Senhor, e os bosques são tão frescos, que os lindos e artificiaes de Portugal ficam muito abaixo. Ha muitas arvores de cedro, aquila, sandalos e outros páus de bom olor e varias côres e tantas differenças de folhas e flores, que para a vista é grande recreação e pela muita variedade não se cança de vêr.»²

Boa terra, *algo melancolica*, em o dizer do mesmo padre, essa de que se contam tantas maravilhas e muitas e muitas mais, no proprio escripto citado, que calamos por brevidade, não escondendo que no anno mesmo da chegada dos primeiros jesuitas, 1549, escrevia Nobrega a seu mestre o Dr. Navarro, falando da cidade do Salvador:

«É muito salubre e de bons ares, de sorte que, sendo muita a nossa gente e mui grandes as fadigas, e mudando da alimentação com que se nutriam, são poucos os que enfermam e estes depressa se curam.

«A região é tão grande, que, dizem, de tres

¹ *Materiaes e achegas para a Historia e Geographia do Brasil*, 1, pag. 51.

partes em que se dividisse o mundo, occuparia duas: é muito fresca e mais ou menos temperada, não se sentindo muito o calor do estio: tem muitos fructos de diversas qualidades e mui saborosos: no mar igualmente muito peixe e bom.

«Semilham os montes grandes jardins e pomares, que não me lembra ter visto panno de raz tão bello. Nos ditos montes ha animaes de muitas feituraz, quaes nunca conheceu Plinio, nem delles deu noticia, e hervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Hespanha: o que bem mostra a grandeza e belleza do Creator na tamanha variedade e belleza das creaturas.»¹

Escusado é recorrer a Cardim.

É, assim, pois, por uma passagem dos vellos chronistas de *quinientos* em desfavor da terra, citam-se vinte em prol della, e, pelo que toca aos habitantes, os jesuitas são naquelle periodo acordes em considerar os colonos portuguezes muito mais viciados do que os indios e mestiços do paiz. Na era de *seiscentos*, por outro lado, se um auctor dos *Dialogos das*

¹ *Materiaes e achegas*, II, pag. 63.

Grandezas do Brasil e um frei Vicente do Salvador não cansam de bendizer a terra, no que são continuados em principios de *setecentos* por Pitta e Andreoni, entre esses quatro escriptores, e contemporanea dos dois ultimos, surge a diabolica figura de Gregorio de Mattos, negação completa do fervoroso optimismo de todos elles. E' que os maiores ou menores gabos que nos mereçam a terra e seus habitantes, já o dissemos, as maiores ou menores censuras que lhes façamos, questão afinal do temperamento de quem escreve ou da feição do tempo em que vive, não são um criterio rigoroso e completo de caracterisação de nossa indole, como povo, em qualquer das espheras em que nos tenhamos exercitado.

E' certo que o problema se deixará melhor solver, se se appellar para phenomenos mais peculiares e profundos, para factores mais energicos e efficazes.

De que se trata? Nada mais, nada menos do que definir o brasileiro, caracterizá-lo em face do portuguez, cuja lingua elle fala na America, cuja civilização elle representa no Novo Mundo. E' um problema de differenciação ethni-

ca em que têm collaborado, durante quatro seculos, o *português*, o *indio*, o *africano*, e o *clima*, e tambem a influencia estrangeira, maxime franceza, principalmente pela industria, pela arte, pela litteratura de um seculo a esta parte. Deste immenso mestiçamento *physico e moral*, desta fusão de *sangues e d'almas*, que se não deu em parte alguma d'America tão intensamente como entre nós, é que tem saído differenciado o brasileiro de hoje e ha de sair cada vez mais nítido o do futuro.

Tal o criterio novo, por nós estabelecido nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* e na *Historia da Litteratura Brasileira*.

Fernando Wolf (1863) nem por sombra teve o presentimento deste modo de vêr, como parvamente, uma vez, insinuou um adversario nosso, pouco escrupuloso e assaz malevolo. Primeiramente, porque não estabeleceu as bases da doutrina ethnica brasileira; depois, porque não assentou nella as leis de nosso desenvolvimento espiritual; e mais, porque não diz uma palavra sequer do elemento *africano*; e, mais ainda, porque não definiu o *mestiço*; porque não determinou o que se lhe deve no Brasil:

porque não definiu os outros concorrentes, indicando a contribuição de cada um; e, finalmente, porque, em todo o seu livro, quando, só uma vez, allude, de passagem e rapidamente, ao assumpto, é para *negar* (veja-se bem: para *negar*) a *influencia directa dos habitantes primitivos do paiz* (só fala nestes) e de seus descendentes na *psyché nacional*. São estas as suas palavras: «Ce n'est qu'indirectement que ces habitants primitifs du pays, par leurs unions avec les colons, et par les races mêlées (mamelucos et mestiços) qui en sont sorties, ont exercé sur le développement du caractère brésilien et par conséquent sur la littérature de ce peuple *une influence...*»¹

Eis ahi a que se reduz a indicação do criterio ethnographico em Wolf, um escriptor tão pouco conhecedor de nossa vida espirital, como ella é realmente, que chegou a *negar a influencia directa do mestiço em nossas lettras!*... E Gonçalves Dias?

Bastaria esta só pergunta para desconcertar.

¹ *Le Brésil Littéraire. Histoire de la Littérature Brésilienne*, por Ferdinand Wolf, pag. 1.

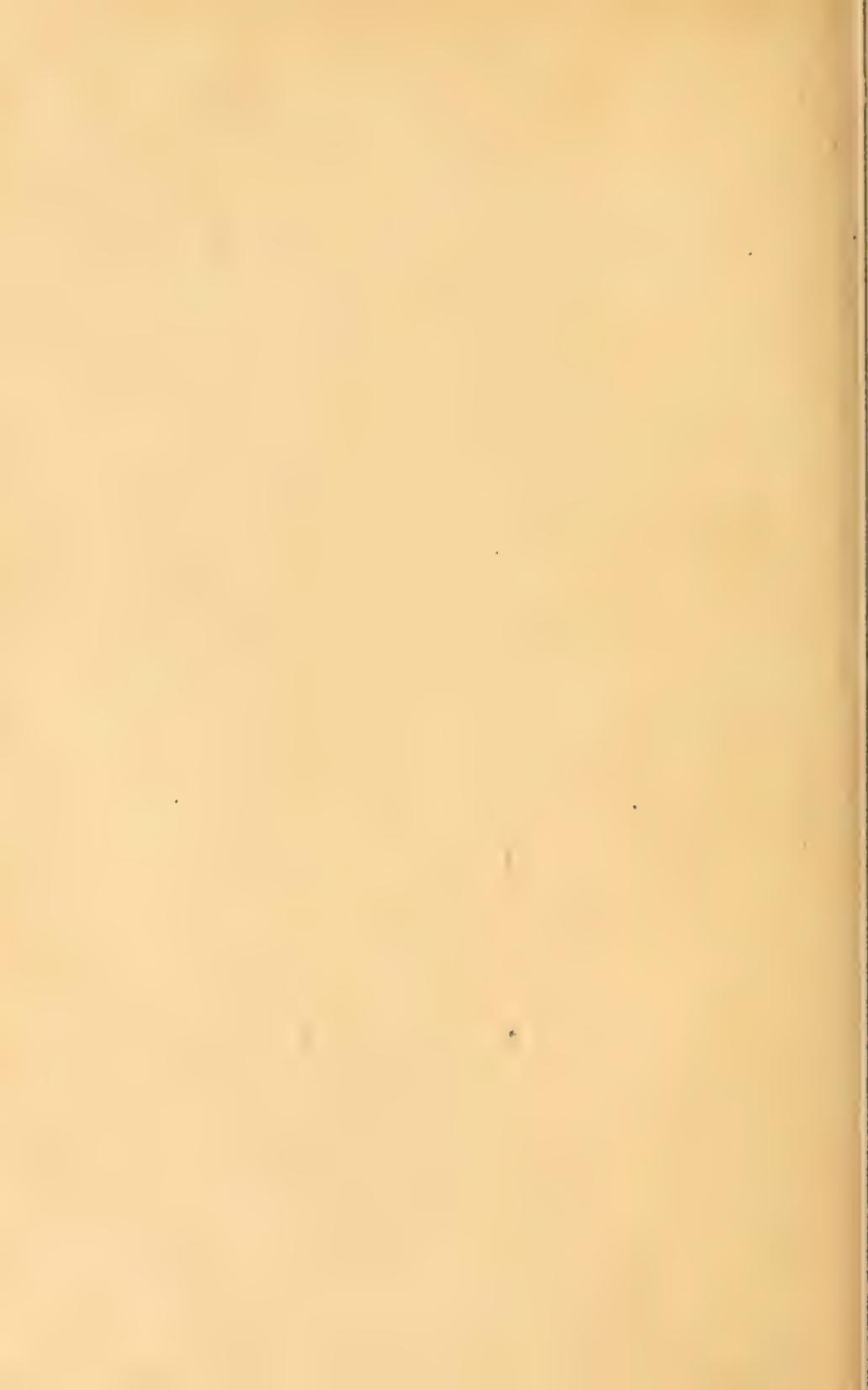
não tanto ao velho escriptor austriaco senão a quem ainda hoje tem o desprante de considerar o seu atabalhoado livro a ultima palavra em historia da litteratura brasileira!...

Já antes, outro phantasiaista, numa irriliação de momento, tinha attribuido ao botanico Martius o nosso peculiar modo de pensar.

O censor queria referir-se á dissertação por aquelle scientista publicada em 1843, na *Revista do Instituto Historico*, sob o titulo -- *Como se deve escrever a historia do Brasil*, memoria para a qual nós mesmo tinhamos sido exactamente o primeiro a chamar a attenção da critica nacional. E' mister desconhecer completamente o trabalho de Martius, para levantar falsidades, como essa, sobre elle. O famoso botanista, no escripto citado, dá apenas um conselho e faz uma enumeração meramente exterior dos elementos que entraram em nossa população. Não os estuda: não os aprecia em sua acção mutua: não os mostra, fusionando-se e reagindo uns sobre outros: não tenta a determinação, nem ao menos vaga, do que devemos a cada um dos tres factores principaes de nossa nacionalidade em particular e a todos elles conjunta-

mente. Deixa, o que é fundamental na questão, em completo esquecimento o ponto saliente do problema: o *mestiço*, sobre quem peculiarmente deveria insistir, estudando, repetimos, o especial quinhão de *cada factor* e definindo o caracter do *resultado*.

E' o que não fez o illustre bavaro e não quiz vêr o apaixonado critico. Felizmente a doutrina, como a formulámos e expusemos, penetrou fundo no pensamento nacional, que já começa a apreciar devidamente suas consequencias practicas e já a vae empregando até como base de obras artisticas e litterarias: romances, contos, dramas, etc.



Phases evolutivas da Litteratura Brasileira

Fernando Wolf, em 1863, dividia a historia da litteratura brasileira nos periodos seguintes: 1.º do descobrimento do Brasil ao fim do seculo XVII; 2.º primeira metade do seculo XVIII; 3.º segunda metade do seculo XVIII; 4.º do principio do seculo XIX ao anno de 1840; 5.º de 1840 ao anno em que publicou o seu *Brésil Litteraire* (1863).

O defeito capital desta enumeração de phases e ser demasiado fragmentada e não attender ao criterio do desenvolvimento das ideias em sua determinação. Porque fazer dos primeiros cincoenta annos do seculo XVIII um periodo litterario no Brasil? Que houve então de especial na evolução espirital dos brasileiros? Não se

percebe absolutamente. Que motivos aconselham a marcar uma phase com os primeiros quarenta annos do seculo XIX? Menos justificavel ainda é este periodo.

Fernando Pinheiro em 1872, em seu *Resumo da Historia Litteraria*, deixou designados estes momentos, como os mais caracteristicos de nossa vida nas letras: — 1.º periodo da *formação*, abrangendo os seculos XVI e XVII; 2.º o do *desenvolvimento*, enchendo o seculo XVIII; 3.º o da *reforma*, constituido pelo seculo XIX. Divisão de phases esta mais bem feita do que a de Fernando Wolf, porém ainda assás defeituosa. O auctor deixou-se evidentemente illudir pela separação material dos seculos, sem attender que o andar das ideias e doutrinas não obedece as mais das vezes ás marcações exteriores do tempo. Que houve, por exemplo, na primeira metade do seculo XVIII no dominio do pensamento brasileiro, que a distinguisse em absoluto das ultimas décadas do seculo anterior? Nada, que se saiba. E que de novo acaso representam nas doutrinas e theorias litterarias os trinta primeiros annos do seculo XIX, que os ataste do velho classismo do seculo an-

tecedente? Nada por certo. A enumeração de Fernando Pinheiro é, pois, também inaceitavel.

Por nossa vez na *Historia da Litteratura Brasileira*, indicámos esta divisão: *periodo de formação* (1500-1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750-1830); *periodo de transformação romantica* (1830-1870); *periodo de reacção critica e naturalista*, ao principio, e, depois, *parnasiana, symbolista*, etc. (1870 ou pouco depois em diante até os dias actuaes).

Classificação esta attenta mais ao movimento das ideias e coadunada melhor com os phenomenos intellectuaes da nação.

Entreianto, esta mesma divisão de periodos pôde ser melhorada, tendo-se o cuidado de marcar por fecho de cada phase e inicio da seguinte um facto litterario verdadeiramente caracteristico.

Dest'arte, teremos: — *periodo de formação*, 1592, data da 1.^a edição da *Prosopopéa* de Bento Teixeira Pinto, a 1768, data da publicação das *Obras Poeticas* de Claudio Manoel da Costa; — *periodo de desenvolvimento autonomico*, de 1768, citada data das *Obras Poeticas* de Claudio, a 1836, anno da publicação dos

Suspiros Poeticos de Gonçalves de Magalhães: — *periodo de reacção romantica*, de 1836, anno dos *Suspiros Poeticos*, a 1875, época do apparecimento dos *Ensaios de Philosophia e Critica* de Tobias Barreto: — *periodo de reacção critica e naturalista e, depois, parnasiana, symbolista*, de 1875, anno dos citados *Ensaios*, em diante até aos dias actuaes, etc.

Não é tudo. É esta uma divisão em quatro periodos, cujos dois primeiros escoaram-se, como se vê, dentro da época do classicismo e podem por isso, sem inconveniente, reduzir-se a um só, o que nos levaria a esta divisão tripartita: — *periodo de formação ou periodo classico*, de 1592 a 1836; *periodo de desenvolvimento ou periodo romantico*, de 1836 a 1875; *periodo das reacções anti-romanticas*, de 1875 em diante até aos dias de hoje.

É, como nesta divisão tripartita os dois ultimos momentos têm innumerous pontos de contacto, não passando, no fundo, de uma reacção contra os velhos ideaes classicos, sendo a reacção das novas escolas contra o romantismo puramente artificial, pois não são ellas mais do que romantismo disfarçado, e possível, num

vista synthetica, reduzir ainda mais a classificaçào, e teremos: — *periodo de formação ou periodo classico*, de 1592 a 1836; *periodo de desenvolvimento ou de reacções ulteriores*, de 1836 até agora e a continuar pelos annos adiante.

A primeira phase, dentro das forças do regimen do classismo e do absolutismo regio, começa incipientementè desde quando se fundaram as primeiras escolas de humanidades no Brasil e espiritos, como Nobrega, Anchieta, Cardim, Luiz de Gran, Gandavo, Gabriel Soares e outros eguaes, ensinaram ou escreveram nesta parte d'America, formando desde logo discipulos da estatura de Vicente do Salvador e Antonio Vieira; inicia-se de facto, no terreno da producção espiritual, com a publicaçào da *Prosopopéa*: passa pelo proto-romantismo da escola de Minas: assiste á independencia politica do paiz e chega até quando a elite intellectual da terra entra a interessar-se directamente pela renovação das ideias que se operava então na Europa: a segunda segue d'ahi, dessa nitida consciencia que já tinhamos de nós mesmos, e desdobra-se por todo o seculo XIX,

ligando o proto-romantismo mineiro ao romantismo propriamente dito e ás escolas que subsequentemente o substituíram.

Não se chama isto dar tres divisões contradictorias da litteratura patria, como já lembrou um desasado critico: uma em quatro phases, outra em tres e outra em duas: porque todos os espiritos intelligentes percebem que, fundamentalmente, as duas ultimas são apenas melhoramentos logicos da primeira.

Poesia

I. *Periodo Classico: Primeira Escola ou Grupo Pernambucano*, representado por BENTO TEIXEIRA PINTO. (Fins do seculo XVI e principios do XVII);

II. *Periodo Classico: Primeira Escola ou Grupo Bahiano*, constituido principalmente por BOTELHO DE OLIVEIRA, SANTA MARIA ITAPARICA, etc., e pelo typo divergente de GREGORIO DE MATTOS. (Seculo XVII e primeira metade do XVIII);

III. *Periodo Classico: Escola Mineira*, personificada em BASILIO DA GAMA, DURÃO, CLAUDIO DA CÔSTA, ALVARENGA PEIXOTO, GONZAGA, etc. (Segunda metade do seculo XVIII);

IV. *Periodo Classico: Primeira Escola Fluminense*, cujos orgãos foram SILVA ALVARENGA,

SOUSA CALDAS, SÃO CARLOS, etc. (Fins do seculo XVIII e tres primeiras decadas do XIX);

V. *Periodo Romantico*: primeiro momento (*Segunda Escola Fluminense*), com o triumvirato inicial de GONCALVES DE MAGALHÃES, PORTO ALLEGRE e GONCALVES DIAS. (Seculo XIX, de 1830 ou pouco depois em diante);

VI. *Periodo Romantico*: ainda primeiro momento, com os quatro divergentes, — MONIZ BARRETO (em torno ao qual se grupou a *Segunda Escola Bahiana*), MACHIL MONTEIRO, JOSÉ MARIA DO AMARAL e LAURINDO RABELO. (Seculo XIX, de 1830, ou pouco depois, em diante);

VII. *Periodo Romantico*: segundo momento (*Primeira Escola Paulista*), com o triumvirato byroniano de ALVARES DE AZEVEDO, AURELIANO LESSA e BERNARDO GUIMARÃES. (Seculo XIX, de 1847 ou pouco antes em diante);

VIII. *Periodo Romantico*: terceiro momento, os epigonos de Byron, Musset e Lamartine, com JEQUINHARA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU, PEDRO DE CALASANS, CONSTANTINO GOMES, AUGUSTO DE MENDONÇA, etc., e nos quaes se prende logicamente FAGUNDES VARELLA. (Seculo XIX, de 1853 ou pouco antes em diante);

IX. *Periodo Romantico*: quarto momento, os sertanistas, tradicionalistas e campestres (*Escola Maranhense*), com TRAJANO GALVÃO, GENTIL HOMEM, DIAS CARNEIRO, JOAQUIM SERRA, etc., aos quaes se juntam logica e chronologicamente — FRANKLIN DORIA, BITTENCOURT SAMPAIO, JUVENAL GALINO, BRUNO SEABRA, MELLO MORAES FILHO e F. P. DE ARAUJO CORRÊA. (Seculo XIX, de 1855, ou um pouco antes, em diante):

X. *Periodo Romantico*: os dois divergentes dos momentos immediatamente anteriores, — JOSÉ BONIFACIO (o moço) e LUIZ DELFINO, precursores do hugoanismo condoreiro e aos quaes se prendem PEDRO LUIZ e JOSÉ MARIA G. DE SOUSA. (Seculo XIX, de 1857 em diante):

XI. *Periodo Romantico*: os tres divergentes tambem dos momentos anteriormente proximos, — precursores do parnasianismo, TEIXEIRA DE MELLO, MACHADO DE ASSIS e LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. (Seculo XIX, de 1858 ou 59 em diante):

XII. *Periodo Romantico*: quinto e ultimo momento (*Segunda Escola Pernambucana*), com os condoreiros a Hugo e Quinet. — TOBIAS BARRETO, CASTRO ALVES, VICTORIANO PALHARES, CARLOS FERREIRA, QUIRINO DOS SANTOS, ELZEARIO

PINTO, etc. (Seculo XIX, de 1862 a 1870 e annos proximos);

XIII. *Periodo de reacção contra o romantismo*: primeira manifestação de revolta, com o philosophismo poetico de SYLVIO ROMERO, TEIXEIRA DE SOUSA, MARTINS JUNIOR, PRADO SAMPAIO, etc. (Seculo XIX, de 1870 a 1880);

XIV. *Periodo de reacção contra o romantismo*: poesia realista, umas vezes social, revolucionaria outras, de CELSO DE MAGALHÃES, SOUZA PINTO, GENERINO DOS SANTOS, (estes dois passados mais tarde ao positivismo), CARVALHO JUNIOR, FONTOURA XAVIER, LUCIO DE MENDONÇA, ASSIS BRASIL, AUGUSTO DE LIMA, VALENTIM MAGALHÃES, etc., aos quaes se prende MEDEIROS E ALBUQUERQUE, sendo que a todos precedera José JORGE DE SIQUEIRA FILHO. (Seculo XIX, de 1872 ou 73 em diante);

XV. *Periodo de reacção contra o romantismo*: os parnasianos (*Segunda Escola Paulista*), com THEOPHILO DIAS, RAYMUNDO COBREIA, OLAVO BILAC, ALBERTO DE OLIVEIRA, ATONSO CELSO, VICENTE DE CARVALHO, aos quaes se prendem ARTHUR AZEVEDO, EMILIO DE MENEZES, JOÃO RIBEIRO, GUIMARÃES PASSOS, MAGALHÃES DE AZE-

REDO, MARIO DE ALENCAR, LUIZ GUIMARÃES FILHO, PAULO DE ARRUDA, OSORIO DUQUE ESTRADA, GOULART DE ANDRADE, etc. (Seculo XIX, de 1878 em diante): ¹

XVI. *Periodo de reacção contra o romantismo*: divergentes mais ou menos pronunciados do parnasianismo, LUIZ MURAT, THEOTONIO FREIRE, FRANÇA PEREIRA, JOÃO BARRETO DE MENEZES, e, recentemente, JOÃO PEREIRA BARRETO e MATHEUS DE ALBUQUERQUE. (Seculo XIX, de 1880 em diante, quanto aos primeiros, e mais tarde, quanto aos ultimos);

XVII. *Periodo de reacção contra o parnasianismo*: escola symbolista e decadista, com os adversarios do systema anterior, CRUZ E SOUSA, BERNARDINO LOPES, ALPHONSUS DE GUIMARÃES, FRANCISCO MANGABEIRA, NESTOR VICTOR, SILVEIRA NETTO, FELIX PACHECO, MARIO PEDERNEIRAS, HERMES FONTES, etc. (Seculo XIX, de 1890 em diante). Cumpre não esquecer o nome de MUCIO TEIXEIRA, poeta que tem feito parte de todas as

¹ A estes devem-se juntar os recentes: JONAS DA SILVA, C. PORTO CARREIRO, BAPTISTA CEPellos, LUIZ EDMUNDO, etc., etc.

últimas escolas: foi condoreiro, realista, parnasiano, symbolista e decadista successivamente: mas sempre com muitissimo talento.

*

Este quadro dá uma clara ideia do desenvolvimento organico da poesia nacional nos quatro seculos da nossa existencia.

Faz-se preciso esclarecel-o com algumas notações indispensaveis.

O chamado primitivo grupo pernambucano, cujo feito mais notavel e a publicação da *Prosopopeia* de Bento Teixeira em fins do seculo XVI, 1592 ou 93, como se suppõe, não tem outro valor intrinseco a não ser o de iniciar o pensamento brasileiro em cousas de litteratura. Bento Teixeira deveria ter companheiros que com elle constituissem no ultimo decennio do alludido seculo e começos do seguinte um grupo de individuos dados ás lettras.

A escola bahiana do seculo XVII, devendo ter começado em 1620 ou 30, prolongou-se largamente pelo seculo immediato: porquanto, se Eusebio de Mattos, seu irmão Gregorio, Ber-

nardo Ravasco e outros viveram e morreram dentro dos limites de *seiscentos*, Botelho de Oliveira existiu em ambos os seculos, e Santa Maria Itaparica e outros nasceram, e falleceram durante o seculo XVIII.

A escola mineira é todo um producto deste último seculo, pelo genio e pelos principios que a dirigiram, contendo apenas raros representantes que, já velhos e cansados, prolongaram os dias até aos começos do seculo XIX. Diverso é o caso da que chamamos a primeira escola fluminense, cuja função historica foi exactamente unir os dois seculos, com Silva Alvarenga (1814); Sousa Caldas (1814), São Carlos (1829), a que se ligam Januario Barbosa (1846), Frei Bastos Baraúna (1846), Eloy Ottoni (1851), Pedra Branca (1855), Villela Barbosa (1846).¹ Entre estes e os românticos acham-se Odorico Mendes, Firmino Silva e Dutra e Mello.

A escola romantica teve seu primeiro periodo de 1836, ou melhor 1830, em deante com os sectarios de Chateaubriand e Lamartine,

¹ Os annos indicados são as datas do fallecimento d'estes poetas.

sob a direcção de Domingos de Magalhães, Porto Alegre, que viveram até depois de 1875, e Gonçalves Dias, fallecido mais cedo em 1864, o que importa dizer que os dois primeiros chegaram a vêr todo o desenvolvimento e até a morte do seu systema, e o terceiro apenas a sua melhor parte, sem presenciarem o desastre final. Entretanto, desde antes de 1836, tres homens, dois de grande talento poetico, Maciel Monteiro e José Maria do Amaral, e o terceiro de raro talento de repentista, Francisco Moniz Barreto, iniciaram-se na poesia, sem nada deverem a Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias, de quem divergiram consideravelmente.

É torçoso juntar-lhes um quarto, que tem com aquelles, além de outros pontos de contacto, o de nada tambem dever aos alludidos chefes, Laurindo Rabello, fallecido no mesmo anno em que o auctor dos *Timbyras*, 1864.

O segundo periodo romantico, ja presentido por Francisco Octaviano, começa verdadeiramente desde 1847 ou 48, com as primeiras notas de Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães, em S. Paulo; prolonga-se por bons deseseis annos (1847-1863), alastra o

paiz inteiro com Junqueira Freire, Franco de Sá, Pedro de Calasans, Constantino Gomes, Casimiro de Abreu, Augusto de Mendonça, e chega a ter por ultimo representante notavel — Fagundes Varella, fallecido em 1875.

O grupo romantico seguinte desenvolve-se pelo mesmo tempo, tendo intuições diversas, representadas em Trajano Galvão, Marques Rodrigues, Dias Carneiro, Gentil Homem, Bruno Seabra, Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra, intuições que chegam até Juvenal Galeno e Mello Moraes Filho, poetas posteriores.

Ao lado destes dois ultimos grupos, a datar de 1847 ou 48 o primeiro e o outro, de 1853 ou 54, apparecem os dois grandes talentos divergentes: José Bonifacio, o moço, morto em 1886, e Luiz Delfino, fallecido em 1909, dois predecesores dos condoreiros, parnasiano mais tarde — o segundo. A elles prendem-se Pedro Luiz Pereira de Sousa e, com talento muito superior ao deste, José Maria Gomes de Sousa.

Caso parecido de divergencia é o que se dá com Teixeira de Mello e Machado de Assis, que seriam filiados no grupo em que se acham Junqueira, Casimiro e Varella, se, pela correcção

plastica do verso, não divergissem assás delles.

Similhante é o caso de Luiz Guimarães Junior, que vae constituir, por identico motivo, com esses dois divergentes o grupo dos precursores dos parnasianos. Os dois primeiros começaram a escrever versos em 1856 ou 57: o ultimo em 1862 ou 63.

A phase seguinte, de reacção contra as sentimentalidades e devaneações á Lamartine, e os epicurismos á Musset, iniciou-se nesse ultimo anno, 1862, num trovar mais rude em que havia já preocupações patrioticas, politicas, sociaes, e uns tons tomados a Victor Hugo e Edgar Quinet. Tobias Barreto, Castro Alves, Victoriano Palhares e Eliscario Pinto são os quatro melhores representantes desta ultima phase organica do romantismo, phase que durou em rigor de 1862 a 1870.

O philosophismo poetico desenvolveu-se de 1870 a 80. O seu primeiro manifesto doutrinario foi naquelle anno publicado no Recife por Sylvio Roméro, acompanhado mais tarde por Teixeira e Sousa, Martins Junior, e Prado Sampaio.

Ao lado se havia formado certa tendencia de coloração realista, alliada, em alguns, a mais

ou menos fortes preocupações sociaes; isto por 1872 ou 73 em diante, personificando-se mais salientemente em Celso de Magalhães, Generino dos Santos, Sousa Pinto e Carvalho Junior, até certo ponto precedidos por J. Jorge de Siqueira Filho. Assim era em Pernambuco.

Pelo mesmo tempo, mas um pouco mais tarde, egual tendencia surgiu em S. Paulo, com Fontoura Xavier, Lucio de Mendonça, Assis Brasil, Augusto de Lima, Valentin Magalhães, e outros, vindo a ter um *survival* em Medeiros e Albuquerque, que lhes seguiu os passos no Rio de Janeiro.

Logo após, ou melhor de 1878 ou 79 em deante, appareceu e opulentou-se o grupo dos parnasianos, para o qual se passaram quasi todos os sectarios dos credos proxivamente anteriores, e que se prolongou sem ataques até 1890 ou 91, ou pouco depois. De então em deante surgiram na lica os ultimos *novos*, os actuaes, até que tambem lhes chegue a vez de envelhecer.

São os *symbolistas* ou *nephelibatas*. Já os *naturalistas* e os *humanistas* pretendem pôl-os em retirada.

Cumpra advertir que, desde o momento em que se destacaram os parnasianos, desde 1880, dois poetas muito têm produzido, sem que se possam dizer filiados nessa escola: Luiz Murat, com um talento pessoal e forte, e Mucio Teixeira, antigo condoreiro, com singular intelligencia, dexteridade e consummado *savoir faire*, e, algum tanto mais tarde, outros têm feito o mesmo, sem que devam ser incluídos nem entre os crentes do parnasianismo, nem entre os nephelibatas, e são: Theotônio Freire, França Pereira e João Barreto de Menezes, filho do auctor dos *Dias e Noites*. — Relewa ponderar ser essa tambem a posição de João Pereira Barreto, Mathews de Albuquerque, Henrique Castriciano, Oscar Lopes e outros.

Cumpra-nos advertir, por fim, que o schema nestas paginas traçado da poesia brasileira, bem como os dos outros generos, que se vão seguir, não são *classificações de escolas*, como a uma critica, malevola ou inepta, quiz parecer. São *enumerações das phases da evolução dos alludidos generos*. A differença é enorme e causa espanto haver quem a desconheça.

IV

Theatro

I. *Primeiros germens dramaticos*, sob a fórma de *autos*, consagrados á vida de *santos*, feitos pelos jesuitas no correr do seculo XVI;

II. *Periodo verdadeiramente inicial*, sob o aspecto litterario, com SALVADOR DE MESQUITA, GONCALO RAVASCO, JOSÉ BORGES DE BARROS, e BOTELHO DE OLIVEIRA, no seculo XVII;

III. *A comedia e a tragi-comedia*, ao gosto do que se fazia em Portugal, sendo seu melhor typo representativo ANTONIO JOSÉ DA SILVA, no seculo XVIII;

IV. *A tragedia ao gosto classico*, sob a direcção de ALVARENGA PEIXOTO, NASCENTES PINTO e outros, em fins do seculo XVIII e começos

do XIX. A esta phase pertencem algumas traducções de ODORICO MENDES;

V. *Primeiro momento de criação romantica* (1838-1850), com DOMINGOS JOSÉ GONCALVES DE MAGALHÃES, auctor de *Antonio José* e de *Olgiato*; NORBERTO SILVA, auctor de *Clytemnestra*; TEIXEIRA E SOUSA, auctor de *Cornelia* e do *Cavalleiro Teutonico*, isto nos dominios da tragedia, e mais com LUIZ CARLOS MARTINS PENNA, auctor de *O Judas em Sabbado de Alleluia*, *A Festa na Roça*, *O Juiz de Paz na Roça*, *Os Dois ou O Inglez Machinista*, *O Noriço*, *O Dilettante*, *O Irmão das Almas*, etc.; PORTO ALEGRE, auctor de *A Estalua amazonica*, *O Espião de Bonaparte*, *O Sapaleiro politico*, *Angelica e Firmino*, nos dominios da comedia; e mais com ANTONIO GONCALVES DIAS, auctor da *Palkul*, *Beatriz de Cenci*, *Boabdil*, *Leonor de Mendouça*; o citado NORBERTO SILVA, auctor do *Amador Bueno*; PAULO DO VALLE, auctor do *Caetaninho*, no que diz respeito ao drama;

VI. *Segundo momento de criação romantica* (1850-1870 e annos proximos), com JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, no drama e na comedia, auctor de *Luro e Vaidade*, *Lusbella*, *Cobé*, *O Cêgo*,

O Phantasma Branco, A Torre em concurso, O Primo da Califórnia, Amor e Patria, etc.; JOSÉ DE ALENCAR, com *O Demonio Familiar, Azas de um anjo, Mãe, Verso e reverso, O Jesuita, O Credito, etc.*; AGRARIO DE MENEZES, com *Calabar, Mathilde, Os Miseraveis, Dona Forte, Retrato do rei, Primeiro amor, Uma festa no Bomfim, Os Contribuintes, Bartholomeu de Gusmão, Voto livre, O Principe do Brasil*; LUIZ ANTONIO BOURGAIN, com *Luiz de Camões, Pedro sem, Fernandes Vieira*, e muitos outros; QUINTINO BOCAYUVA, auctor de *Os Mineiros da desgraça, Omphalia*; PINHEIRO GUIMARÃES, com *Historia de uma moça rica, etc.*; e, mais ACHILLES VAREJÃO, CASTRO LOPES, MACHADO DE ASSIS, AUGUSTO DE CASTRO, CLEMENTE FALCÃO, SIZINANDO NABUCO, JOAQUIM SERRA, CONSTANTINO JOSÉ GOMES DE SOUSA, FRANKLIN TAVORA, CARNEIRO VILLELA, ANTONIO DA CRUZ CORDEIRO, BARATA RIBEIRO, SABBAS DA COSTA, cada um um destes com varias composições meritorias. Ao começo desta epocha pertencem as obras de theatro do DR. ERNESTO FERREIRA FRANÇA;

VII. *Terceiro momento de criação romantica e inicio de algumas tentativas naturalistas*

(1870-1900), com OLIVEIRA SOBRINHO, DOMINGOS OLYMPIO, FRANÇA JUNIOR, ARTHUR AZEVEDO, PINTO PACCA, ALUIZIO AZEVEDO, LUIZ PIZA, ARTHUR GUIMARÃES, OSCAR GUANABARINO, etc.:

VIII. *Reacção idealistico-symbolista* — de COELHO NETTO, com varias criações de valor (annos recentes). ¹

*

* *

Geralmente se diz e se repete ser a dramaturgia a parte mais enfezada da litteratura brasileira. Não é verdade: o conto não lhe tem sido mais avantajado entre nós, nem até o romance, a despeito das apparencias. ²

Para prova-o basta lembrar que não possuímos nas letras nomes que devam merecer mais do que os de Antonio José, Martins Penna

¹ A este se prendem recentemente — GOULART DE ANDRADE, OSCAR LOPES e QUARESMA JUNIOR.

² Escusado é falar na *historia*, na *philosophia*, na *critica*, evidentemente menos avultadas do que a *dramaturgia*, que só encontra superiores na *poesia* e na *eloquencia*.

e Agrario de Menezes, simples comediographos e dramatisas, e recordar que as obras de theatro de Magalhães, Macedo, Alencar, Arthur Azevedo, quatro dos maiores nomes da litteratura patria, não são inferiores aos seus outros escriptos. Bem longe disso.

O mesmo se poderia quasi dizer de Gonçalves Dias, se não fôra a fama incomparavel de sua obra poetica.

O que ha é que a mór parte da producção dramatica fica manuscripta na caixa dos theatros e o pouco que se publica não é lido. Ninguem lê dramas e comedias, ou os lê rarissimamente: o drama e a comedia têm, além disso, de ser representados e é neste terreno que vão os nossos productos do genero achar a morte.

Por motivos que não vem agora ao caso esplanar não aguentam a concorrência com as importações estrangeiras. A historia da nossa dramaturgia é que não tem sido feita com o cuidado, o desvelo, o amor que fôra para de-sejar.

Pela inspecção do quadro evolutivo acima vê-se que distante esteve o desenvolvimento do theatro da evolução da *poesia* e da *eloquencia*,

é certo, mas só destas e não dos outros generos litterarios. Pela mesma simples inspecção vê-se tambem que no seculo XIX contamos alguns nomes notabilissimos no drama e na comedia e ordena a verdade confessar que algumas das obras mais meritorias do romantismo brasileiro são justamente varias daquellas produccões de theatro citadas.

Em Martins Penna, Gonçalves Dias, Manoel de Macedo, José de Alencar, Agrario de Menezes, Arthur Azevedo e Coelho Netto póde-se escolher uma bibliotheca dramatica muito digna de apreço.

Nosso valor, por este lado, não tem sido tão insignificante como sempre se disse e continúa a dizer.

Romance e Conto

I. *Primeiro momento, ou periodo precursor* (Época colonial), com os *Contos populares* e a *litteratura de cordel*, cuja melhor manifestação é o *Peregrino da America*, por NUNO MARQUES PEREIRA;

II. *Phase de inicio directo com o romantismo* (1840-1856), com *Amancia*, de DOMINGOS DE MAGALHÃES; *Romances e Novellas*, de NORBERTO SILVA; *O Filho do Pescador*, *Tardes de um Pintor*, *Maria ou a Menina roubada*, *A Providencia*, *As Fatalidades de dois jovens*, de TEIXEIRA E SOUSA; *O Forasteiro*, *A Moreninha*, *O moço loiro*, *Rosa*, *Dois Amores*, *Vicentina*, de J. MANOEL DE MACEDO; *O Desengano*, *A Filha do Salineiro*, de CONSTANTINO GOMES DE SOUSA;

III. *Reacção brilhante pelo estylo*, que tinha sido excessivamente descurado no periodo anterior, com JOSÉ DE ALENCAR (1856-1877), em *Viuvinha, Cinco Minutos, Guarany, Iracema, Minas de Prata, Luciola, Diva, Pata da Gazella, Sonhos de Ouro, O Tronco do Ipê, Til, Senhora*, etc.:

IV. *O meio naturalismo tradicionalista e campesino* (1860-1884), de GENTIL HOMEM, FRANKLIN TAVORA, BERNARDO GUIMARÃES, ESCRAGNOLLE TAUNAY, ARARIPE JUNIOR, APOLINARIO PORTO ALEGRE, INGLEZ DE SOUSA, CLEMENTINO LISBOA, a que se prendem JOSÉ DO PATROCINIO, RODOLPHO THEOPHILO, AFFONSO ARINOS, GARCIA REDONDO, GALDINO PINHEIRO, DOMINGOS OLYMPIO, VÍRIATO CORRÊA e outros.

V. *O meio naturalismo das cidades* (1860-1884), com MANOEL DE ALMEIDA, LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, CARNEIRO VILLELA, CELSO DE MAGALHÃES, aos quaes se prendem, bem como, em parte, ao grupo anterior, AFFONSO CELSO, NAVIER MARQUES, MAGALHÃES DE AZEREDO, ARTHUR AZEVEDO, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, VALENTIM MAGALHÃES, DOMICIO DA GAMA, ARTHUR GUIMARÃES, ARTHUR LOBO, PAPI JUNIOR (auctor do *Simas*),

VIVEIROS DE CASTRO, HEITOR GUIMARÃES, PEDRO RABELLO e alguns mais; ¹

VI. *O psychologismo humoristico-pessimista*, de MACHADO DE ASSIS, com *Memorias Posthumas de Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Varias Historias*, etc. (1879-1908);

VII. *Reacção naturalista pura* (1884 ou 5 em diante) de ALUIZIO AZEVEDO, JULIO RIBEIRO, MARQUES DE CARVALHO, HORACIO DE CARVALHO, a que se prendem THEOTONIO FREIRE, este com intuição original, ADOLPHO CAMINHA, ANTONIO CELESTINO, FARIA NEVES SOBRINHO e outros;

VIII. *Psychologismo idealista com tendencias symbolicas*, de RAUL POMPÊA, a que se vão ligar NESTOR VICTOR, GONZAGA DUQUE, GRAÇA ARANHA e poucos mais, (1884 e annos posteriores);

IX. *O eclecticismo universalista*, de COELHO NETTO, que tem produzido abundantemente em todos os generos, sendo, mais ou menos, acompanhado em similhantes tendencias — por VIR-

¹ A estes se ligam recentemente RAUL DE AZEVEDO, THOMAZ e OSCAR LOPES, além do polygrapho revolucionario ALMACHIO DINIZ,

GILIO VARZEA (1884 e annos subsequentes até hoje).

*

*

*

Este schema poucas explicações exige. O romance, a novella e o conto, como forma litteraria, só começaram no Brasil no seculo XIX, pouco antes de findar a sua primeira metade.

Os primeiros productos do genero, devidos a Norberto Silva, Teixeira e Sousa, são hoje quasi illegiveis, por escriptos em detestavel estylo, incorrecto, incolor. O proprio Macedo, que na poesia revelou talento, no theatro bastante *ris comica*, no romance espirito observador, não escapa á lei geral do pessimo estylo da epoca.

Nem ao menos lhe coube a maneira emphatica e solenne de Magalhães, Porto Alegre, Salles Torres Homem e Monte-Alyverne, nossos melhores prosadores da primeira metade daquelle seculo. O desalinho e a incorrecção de Macedo só encontram seus iguaes em Teixeira e Sousa e Manoel de Almeida. Não é preciso lembrar

a brilhante excepção de Gonçalves Dias, nosso melhor poeta na primeira phase do romantismo e igualmente o melhor prosador daquelle periodo.

Como quer que seja, a grande reacção na arte da palavra escripta, na difficil arte da prosa, foi operada por José de Alencar, cuja imaginação, talento descriptivo, brilho de colorido e abundancia de tons são verdadeiramente notaveis. Por este lado, ainda hoje está quasi só.

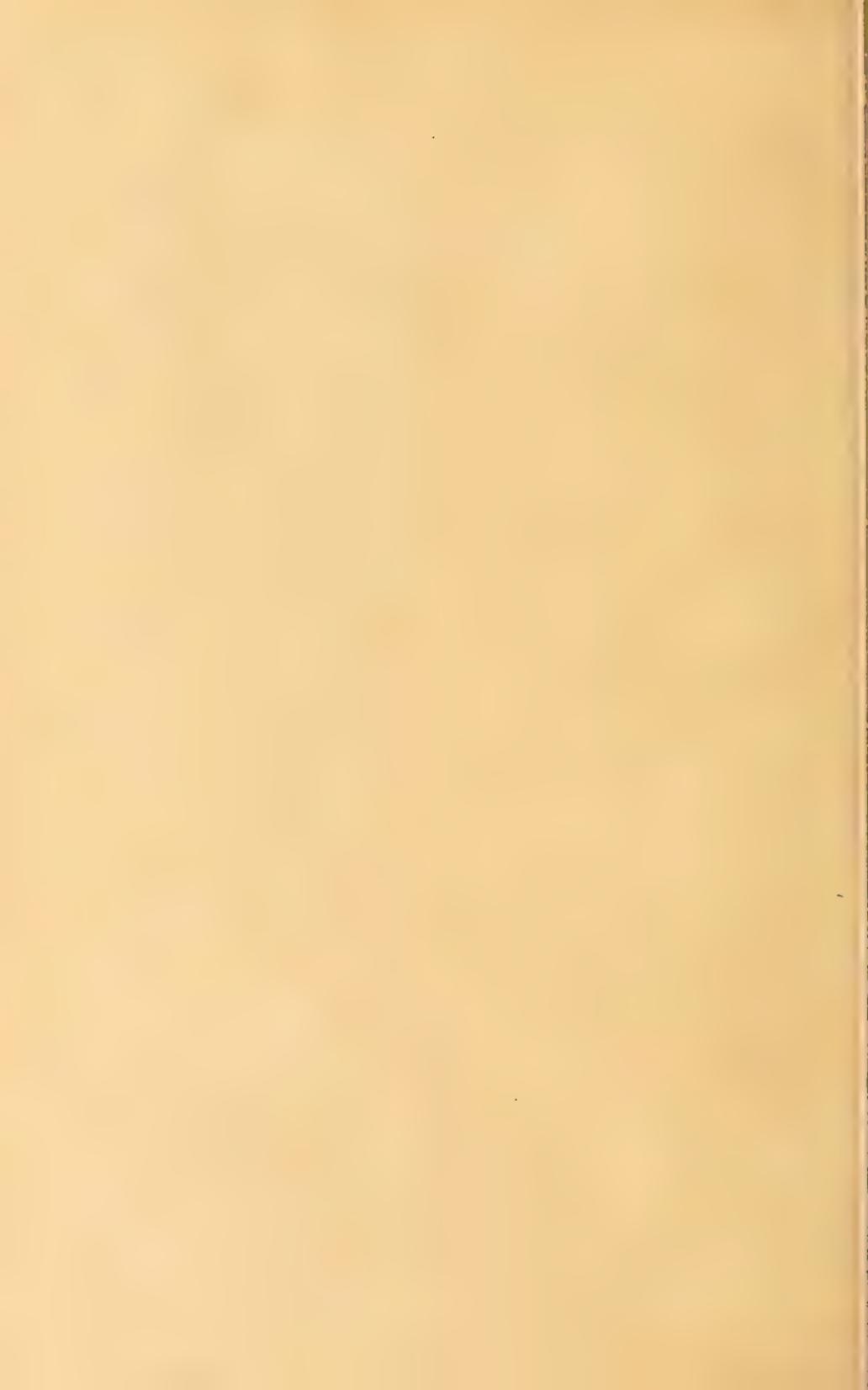
Alencar, em pleno romantismo, suppriu pela intuição do genio o que lhe faltava de observação e de estudo, e chegou a ter uma nota para cada uma das multiplas manifestações do viver de nossas populações. O indio, o colono, o fazendeiro, o gaúcho, o sertanejo, o roceiro das fazendas e engenhos, o elegante das cidades, o escravo, o politico, e nomeadamente a fina flôr da população brasileira, symbolisada na meiguice incomparavel de nossas bellas fluminenses, tudo isto passá com vivas côres naquelle brilhante kaleidoscopio, que é a obra variada e original de José de Alencar. Machado de Assis, penetrando no mundo subjectivo do seu proprio pen-

samento, e trazendo-nos dalli algumas paginas de original psychologia, é frio, mas correcto na sua imperturbabilidade. Estas duas singulares figuras não podiam fazer escola.

Os tres outros typos representativos do romance brasileiro são Franklin Tavora, Aluizio Azevedo e Coelho Netto, cada um delles á frente do seu grupo, ou melhor, cada um delles apontando um caminho a ser trilhado por outros. Tavora, cujo merito não tem sido devidamente aquilatado, é o mestre mais perfeito no *tradicionalismo aldeão*, com *O Cabelleira*, *O Matuto*, e esse admiravel *Lourenço*, um dos melhores livros de nossas letras. Aluizio com a *Casa de pensão* e *O Cortiço*, para não falar n'*O Mulato*, *O Coruja* e *O Homem*, fez os dois livros mais verdadeiramente realistas de toda a litteratura patria. Coelho Netto possui feição propria na imaginativa, na facilidade de escrever, na abundancia do vocabulario, no colorido das tintas. Sua obra, já hoje bem avultada, dá-nos o exemplo de um brilhante eclectismo. Não é um systematico a Machado, a Aluizio ou a Tavora. A este grupo eminente pôde-se ligar Raul Pompéa, que possuia bellas qualidades de estylista.

As tres outras figuras do romance nacional, que occupam o terceiro plano, são: Manoel de Almeida, cujas *Memorias de um sargento de milicias* têm sido em excesso elogiadas: são, por certo, muito meritorias pelo cunho realistico da narrativa, mas escriptas no mais descuidado dos estylos: Celso de Magalhães, cujo *Um estado de temperamento* tem grande valor: finalmente, Escragnolle Taunay, com a *Mocidade de Trajano*, *Ouro sobre azul*, *O Manuscripto de uma mulher*, e, sobretudo, *Innocencia*, livro de merito, sem ser um monumento, como alguns têm querido crêr.

Merece menção especial Theotônio Freire, porque possui alguns contos que são verdadeiras joias litterarias, e Graça Aranha, cujo *Canaan*, a despeito da inconveniencia da maior parte dos typos que põe em acção, contem paginas descriptivas de merito.



Eloquencia

I. *A predica ingênua dos missionarios do seculo XVI*, com ASPICUELTA NAVARRO, NOBREGA, ANCHIETA, CARDIM, LUIZ DA GRAN e outros:

II. *Escola Bahiana do seculo XVII*, com EUSEBIO DE MATTOS, ANTONIO DE SÁ, ANTONIO VIEIRA, ROBERTO DE JESUS, MANOEL DA MADRE DE DEUS, etc.;

III. *Escola Fluminense dos fins do seculo XVIII e começos do seculo XIX*, com SOUSA CALDAS, SAMPAIO, SÃO CARLOS, SANTA URSULA RODOLVALHO, MONTE ALVERNE, CUNHA BARBOSA, a que se ligam o VIGARIO BARRETO e FREI CANECA:

IV. *Escola Bahiana do seculo XIX*, representada em SANTA RITA BASTOS, D. ROMUALDO DE SLINAS, FREI ITAPARICA, FREI RAYMUNDO, PADRE

FONSECA LIMA, a que se prendem o PADRE PATRICIO MONIZ e D. ANTONIO DE MACEDO COSTA:

V. *Alvorecer da eloquencia politica na Constituinte de 1823* e seu desenvolvimento nos tempos do primeiro reinado, da regencia e primeiros annos do segundo imperador (1823-1848), com ANTONIO CARLOS, LINO COTTINHO, CARNEIRO DE CAMPOS, BERNARDO DE VASCONCELLOS, ALVES BRANCO, etc.

VI. *A pleiade da phase media do segundo reinado* (1848-1868), com MACIEL MONTEIRO, ABRANTES, JEQUITINHONHA, SÃO LOURENÇO, PARANÁ, URUGUAY, NABUCO, ZACHARIAS, SOUSA FRANCO, COTEGIQUE, INHOMERIM, GABRIEL RODRIGUES DOS SANTOS, RIO BRANCO e muitos outros:

VII. *A nova eloquencia nos ultimos annos do segundo reinado* (1868-1889), com FERNANDES DA CUNHA, JOSÉ BONIFACIO (MOÇO), OURO PRETO, JOSÉ DE ALENCAR, SHALIBA MARTINS, FERREIRA VIANNA, aos quaes se ligam RUY BARBOSA, JOAQUIM NABUCO e AFFONSO CELSO (o moço), etc.:

VIII. *A eloquencia forense, a tribunicia, a academica*, desenvolvidas ao lado da sagrada e da parlamentar, contando como principaes re-

presentantes — URBANO SABINO, RANDULPHO MEDRADO, PAULA BAPTISTA, SEBASTIÃO DIAS DA MOTTA, APRIGIO GUIMARÃES, TOBIAS BARRETO, LOPES TROVÃO, JOSÉ DO PATROCÍNIO, OLIVEIRA BELLO, etc.:

IX. *Nova phase da eloquencia sagrada* (1880 em diante), com D. LUIZ RAYMUNDO DA SILVA BRITO, PADRE JULIO MARIA, CONEGO FRANCISCO DE PAULA RODRIGUES e MONSENHOR MANOEL VICENTE.

X. *Ultima phase da eloquencia parlamentar e da academica* (1890 em diante), em que se têm feito ouvir: MANOEL VICTORINO, ASSIS BRASIL, BELISARIO AUGUSTO, BARBOSA LIMA, GASTÃO DA CUNHA, MARTINHO GARCEZ, ESMERALDINO BANDEIRA, FAUSTO CARDOSO, PEDRO MOACYR e outros, não sendo preciso lembrar os nomes de RUY BARBOSA, LOPES TROVÃO, QUINTINO BOCAYUVA e OLIVEIRA BELLO, por já citados linhas acima.

Este quadro schematico é de facil comprehensão e dispensa commentarios.

Por elle se vê ser a *eloquencia* d'entre os sete generos litterarios um dos que possuimos desde os mais antigos tempos da colonia. Os outros que gosam de egual privilegio são: a *poesia* e a *historia*.

São os tres que deitam raizes mais longas no tempo.

O *romance*, a *critica* e a *pilosophia* são os mais recentes, tendo começado sómente em pleno seculo XIX. O *theatro* occupa uma posição intermedia. Pondo de lado, e não pôde ser por outra fórma, os *autos* do seculo XVI, devidos a Anchieta e raros outros jesuitas, por estranhos á litteratura propriamente dita, vê-se que o genero começou, para brasileiros, em principios do seculo XVIII, com Antonio José da Silva.

VII

Historia

I. *Primeiro periodo*, em que predominam as *cartas, annuas, relatorios, diarios, biographias, descripções chorographicas do paiz*, abrangendo todo o seculo XVI até começos do XVII, isto é, até Frei Vicente do Salvador (1500-1627), com GANDAVO, NOBREGA, ANCHIETA, CARDIM e o incomparavel GABRIEL SOARES;

II. *Segundo periodo*, de FREI VICENTE DO SALVADOR a ROCHA PITTA, isto é, da *Historia da Custodiã do Brasil á Historia da America Portugueza* (1627-1730);

III. *Terceiro periodo*, epocha principalmente das *chronicas de capitãias e nobiliarchias* (1730-1820), com JABOATAM, BORGES DA FONSECA, PEDRO

TAQUES, FREI GASPAR DA MADRE DE DEUS, ROQUE LEME, BALTHAZAR LISBOA, PIZARRO DE ARAUJO.

IV. *Periodo de transição para historias geraes*, representado peculiarmente em CAYRÚ, SÃO LEOPOLDO, MONIZ TAVARES, FERNANDES GAMA, etc. (1820-1850);

V. *Periodo das historias geraes ou limitadas a certas zonas ou epochas*, principalmente com FRANCISCO ADOLPHO VARNHAGEN, que escreve a *Historia Geral do Brasil* e a *Historia das Luctas com os Hollandezes*; JOÃO LISBOA, que nos dá os *Apontamentos para a Historia do Maranhão*; PEREIRA DA SILVA, muito inferior aos dois, que produz, entre outros livros, a *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*; NORBERTO SILVA, que, além da *Historia das Aldeias de Indios do Rio de Janeiro*, publica a *Historia da Conjuração Mineira*; RAYOL, que é auctor da *Historia dos Motins Politicos do Pará*.

A estes podem-se juntar IGNACIO ACCIOLI, MELLO MORAES (o velho), FELICIO DOS SANTOS, auctor das *Memorias do Districto Diamantino* e mais ABREU E LIMA, FERNANDES PINHEIRO (conego), MOREIRA DE AZEVEDO, CESAR MARQUES,

TRISTÃO ARARIPE, AZEVÊDO MARQUES (1850-1870 e annos proximos);

VI. *Phase de monographias eruditas*, devidas principalmente a JOAQUIM CAETANO DA SILVA, CANDIDO MENDES DE ALMEIDA, seu irmão JOÃO MENDES SILVA PARANHOS FILHO (Barão do Rio Branco), VALLE CABRAL, RAMIZ GALVÃO, TEIXEIRA DE MELLO, DOMINGOS CODICEIRA, JOÃO BRIGIDO, JOSÉ HYGINO, J. P. XAVIER DA VEIGA, BARÃO DE STUDART, PEREIRA DA COSTA.

VII. *Ultima phase* em que, além da erudição, surgem algumas vistas theoricas, com CASTRANO DE ABREU, podendo-se a esta corrente juntar JOAQUIM NABUCO, por seu livro — *Um Estadista do Imperio*.

Nesta ultima phase pódem ser contados — P.^o RAPHEL GALANTI, THEODORO SAMPAIO, JOÃO RIBEIRO, ALFREDO DE CARVALHO, OLIVEIRA LIMA, DIOGO L. A. DE P. DE VASCONCELLOS, ALCIDES LIMA, ASSIS BRASIL e muitos outros.



Um olhar de imparcialidade lançado sobre nossos historiadores destacará d'entre elles dois que se elevam acima de todos os outros: Varnhagen, porque foi o que primeiro comprehendeu ser impossivel fazer a historia sem os documentos originaes, e, por isso, muito andou, muito pesquisou, muito leu e de tudo conseguiu extrahir essa *Historia Geral do Brasil*, que, apesar de seus defeitos de redacção e da estreiteza de sua philosophia, é um livro de grande merito; João Lisboa, porque, além da erudição, introduziu a arte na historia, escrevendo com bellezas de estylo. Quasi o mesmo se poderia dizer de Capistrano de Abreu, porque, ao alargamento da erudição, soube interessar-se por questões desprezadas, como fossem as estradas e direcções por onde se fez o povoamento do paiz, a nutua e intima união entre a geographia e a historia, as primeiras industrias coloniaes, se elle tivesse realisado as esperanças que chegou a inspirar, mas não levou a ef-

feito até hoje após dilatados quarenta annos. Os seus poucos escriptos andam tresmalhados em jornaes e revistas ou em annotações a *Anchieta*, *Cárdim*, *Vicente do Salvador* e *Varnhagen*. A obra de maior vulto que publicou, sob o titulo de *Capitulos de Historia Colonial*, foi um verdadeiro desastre. ¹

¹ Nós mesmo, durante mais de trinta annos, nos deixamos illudir, e chegamos a esperar, com anciedade, a *Historia do Brazil*, promettida por Capistrano. Sabiamos que elle é grande conhecedor dos nossos factos historicos e por isso, para o estimular, lhe fizemos rasgados elogios na memoria que inserimos no *Livro do Centenario do Descobrimento do Brazil*. Mas, após mais dez annos de espera, reconhecemos que o seu saber é puramente *micrologico* e de minucias, sem relevo de especie alguma. Falta-lhe a vida, o calor, a imaginativa, a capacidade synthetica, o talento de narrar, a philosophia dos factos, a amplitude generalisadora, a perspicacia analytica; em summa, faltam-lhe todos os dotes dos grandes historiadores. Não passa de uma mediocridade endeusada, um alfarrabista illusionista.



VIII

Critica

I. *Os precursores* (1831-1851). Dá inicio a esta phase o *Parnaso brasileiro* (1831), de JANUARIO DA CUNHA BARBOSA e vae ella concluir no *Florilegio da Poesia brasileira* (1851), de VARMIAGEN, passando pelos nomes de ABREU E LIMA, DOMINGOS DE MAGALHÃES, EMILIO ADET, SANTIAGO NUNES RIBEIRO, F. DE SALLES TORRES HOMEM, PORTO ALEGRE, J. M. PEREIRA DA SILVA, e mesmo NORBERTO SILVA, que já em 1841 tinha nas *Modulações Poeticas* um *Bosquejo da Historia da Poesia brasileira* e em 1843 publicava varios estudos na *Minerva brasiliense*, cumprindo não esquecer o nome de FRANCISCO DE PAULA MENEZES.

II. *Periodo intermedio*, sem as investiga-

ções eruditas d'alguns dos precursores e com velleidades rhetoricas de estafado classicismo (1851-1870), com ANTONIO JOAQUIM DE MELLO, SOTERO DOS REIS e o CONEGO FERNANDES PINHEIRO:

III. *Começo de reacção* no sentido de mais adiantadas doutrinas, com MACEDO SOARES, EUNAPIO DEIRÓ e poucos mais;

IV. *Reacção mais decisiva* de TOBIAS BARRETO, a principio sob a influencia do criticismo de VACHEROT, REXAN e SCHERER e logo após com o *germanismo*, fazendo, não em tratados longos e massudos, sim em rapidos e incisivos ensaios, critica de religião, de philosophia, de politica, de litteratura, de arte e de direito:

V. *Critica integral das manifestações espirituales da nação*, estudando o *meio*, as *raças*, o *folk-lore*, as *tradições*, tentando elucidar os assumptos nacionaes á luz da philosophia superior do evolucionismo spenceriano, procurando uma explicação scientifica da nossa historia e vindo encontrar no *mestiçamento* (phisco ou moral), a feição original da nossa caracteristica, com SYLVIO ROMIRO (de 1870 em diante), a que se vieram juntar — CELSO DE MAGALHÃES, ROCHA

LIMA, CLOVIS BEVILAQUA, ARTHUR ORLANDO, LIVIO DE CASTRO, ADOLPHO CAMINHA, OS JOVENS FRANÇA PEREIRA, AUGUSTO FRANCO, JOÃO BARRETO DE MENEZES, CHRYSANTO DE BRITO, etc.

VI. *A critica psychologica e impressionista*, umas vezes paradoxal e metaphysica, outras obscura e rebuscada, de ARARIPE JUNIOR, que merece um logar á parte;

VII. *Os recentes criticos*, nos quaes se nota um como retorno ás *considerações de ordem puramente rhetorica e não raro grammatical* — JOSÉ VERISSIMO, MAGALHÃES DE AZEREDO e poucos mais são os principaes representantes dessa phase de retorno.

*

*

*

Rapidas explicações exige este quadro synoptico. Em o primeiro momento a critica não tem vida propria: não passa de um appendice das *Chrestomathias*, *Parnasos*, *Anthologias*, *Selectas* e *Florilegios*.

Tal é a sua physionomia em Cunha Barbosa, Pereira da Silva, Varnhagen e até em Norberto

Silva, cujos melhores escriptos do genero são as biographias que poz em face das edições de Silva Alvarenga, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Gonçalves Dias, Laurindo Rabello e outros.

Mais tarde passa da biographia individual a pretensas narrativas historicas, isto é, passa das biographias isoladas a uma serie de biographias presas por epochas ou por generos litterarios, sem philosophia, sem systema, sem ideias geraes dirigentes. Tal o character do *Curso elementar de litteratura nacional* e do *Resumo de historia litteraria*, do Conego Fernandes Pinheiro, e do *Curso de litteratura portugueza e brasileira*, — de Sotero dos Reis.

Em Eunapio Deiró apparecem os quadros politicos das epocha em que se desenvolveram os escriptores. E' que nelle predomina o publicista politico sobre o critico litterario. Por isto seus melhores perlis são os escriptos que intitulou — *Estadistas e parlamentares*.

Nesta corrente se filia Carlos de Laet.

Com Tobias Barreto, o grande lyrico, chefe da escola do Recife, a critica faz intima alliança com a philosophia, com as ideias geraes: procura escudar-se nas melhores produções uni-

versaes, estabelecendo uma especie de selecção espiritual entre as nações. O auctor acreditava ser na actualidade a Allemanha a sêde do povo typico. Dahi, como consequencia, a guerra á influencia, que suppunha retrograda, de portuguezes e peculiarmente francezes no pensamento nacional.

Em Sylvio Roméro a critica procurou desviar-se de duas direcções antagonicas que lhe pareciam erradas: nem contemplação exclusiva das cousas do paiz, sem saber do que ia pelo mundo, nem andar pelo estrangeiro á busca de modelos quaesquer a seguir. A missão critica, neste paiz, deveria juntar as duas tendencias: tomar da nação os assumptos e da cultura hodierna o criterio director das ideias.

Tudo á luz de uma philosophia ampla, suggestiva, salutar.

Como primeira consequencia, a necessidade de tomar a vida intellectual e affectiva do povo em seu conjuncto, numa historia geral, e não em typos isolados e admirados por qualquer motivo. Como segunda consequencia, vêr no criterio ethnographico a base de todo nosso desenvolvimento. Como terceira, partir do *folklore* para a litteratura.

É que para este escriptor a critica não era, como pensavam os classicos, uma parte da rhetorica, ou, como ensinavam os romanticos, e ainda hoje acreditam todos os criticos existentes, uma parte da esthetica. Não. No primeiro caso, ella teria de se occupar exclusivamente do *bem fallar e bem escrever*: no segundo teria de se reduzir á simples apreciação das obras de arte e de litteratura, sob o criterio exclusivo do *bello*.

São dois pontos de vista ridiculamente atrasados. A critica, para elle, era e é: — *A parte da logica applicada, que, estudadas as condições que originam e as leis que regem o desenvolvimento de todas as creações do espirito humano, scientificas, artisticas, religiosas, politicas, juridicas e moraes, aprecia as obras dos escriptores que de taes factos se occuparam.*

Creemos ser este o exacto conceito da critica e que della não se poderia dar melhor definição.

Em Araripe Junior, se se pôde dizer ter a critica adquirido alguma perspicuidade psychologica em a analyse dos escriptores, esse ganho foi á custa do deploravel encurtamento das vistas de conjuncto e do esquecimento da evolução geral do povo como um todo harmonico. Por

isso voltou á velha maneira dos estudos dos escriptores isolados, com a aggravante de os reprehender *à rebours*, de diante para traz: pois, tendo começado por Alencar, passou a Dirceu e mais tarde a Gregorio de Mattos, promettendo agora chegar a Auchieta. A marcha inversa, com certeza, seria mais normal, se essa critica repousasse numa philosophia seriamente evolutiva e scientifica.

Com José Verissimo e sequazes a preocupação tem sido obedecer no estudo dos auctores ao criterio puramente esthetico: correcção ou não da phrase, bellezas ou não do estylo, abundancia ou penuria do vocabulario, boa ou má disposição da materia, regular ou irregular collocação dos pronomes, eis os pontos de preferencia estudados.

E', por certo, com esse exclusivismo, uma retrogradação.

Cumpre, finalmente, advertir que em nosso *quadro schematico* foram sómente contemplados os criticos por temperamento, os que fizeram da difficil arte de Sainte-Beuve a sua profissão espiritual, e postos fóra os pretensos criticos de arribação, sujeitos adventicios, que, por capri-

cho de momento, confundindo critica com desforra ou desabafo occasional, foram levados alguma vez a exercer a discussão polemista, sempre com desaso. É o caso de Alencar nas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*, de Franklin Tavora nas *Cartas de Sempronio a Cincinato*, de Joaquim Nabuco em o que escreveu contra Alencar, de Valentim Magalhães no que publicou contra os *Ultimos Harpejos*, de Labieno Pereira no que escreveu contra os *Ensaios de Philosophia do Direito* de auctor de quem se fez inimigo. De justiça é lembrar agora os nomes de Oscar Guanabaryno, critico musical, e de Ganzaga Duque, critico de piutura, os dois mais distinctos que temos tido nos dominios da analyse da pura arte.

IX

Philosophia

I. *Espíritos educados em fins do seculo XVIII e começos do XIX nas doutrinas do sensualismo francez* de Destut de Tracy e Laromiguière, que passaram depois para o *eclectismo* espiritalista de Cousin e Jouffroy (1820-1850), sendo os mais notorios MONTE ALVERNE e EDUARDO FRANÇA;

II. *Puros sectarios do eclectismo*, sendo os principaes DOMINGOS J. GONÇALVES DE MAGALHÃES e MORAES E VALLE (1850-1870);

III. *Reacção catholica* em PATRICIO MONIZ e SORIANO DE SOUSA, nos mesmos tempos da segunda phase e annos posteriores;

IV. *Reacção pelo agnosticismo critico* a prin-

cupio e depois pelo *monismo evolucionista* a *Haeckel* e *Nouré*, com TOBIAS BARRETO (1870-1889).

V. *Corrente positivista à Littré*, com LUIZ PIREIRA BARRETO, a que se vieram juntar MARTINS JUNIOR e SOUSA PINTO, este passando mais tarde ao *positivismo orthodoxo*, (1880 e annos proximos).

VI. *Corrente positivista orthodoxa*, com MIGUEL LEMOS, TEIXEIRA MENDES e varios sectarios, entre os quaes não será sem razão contar, a despeito de pequenas dissidencias, BENJAMIN CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES e seu genro ALVARO JOAQUIM DE OLIVEIRA (1880 e annos posteriores).

VII. *Bifurcação spenceriana do evolucionismo*, com SYLVIO ROMERO, a que se prendem ARTHUR ORLANDO, CLOVIS BEVILAQUA, SAMUEL DE OLIVEIRA, LIBERATO BITTENCOURT, FRANÇA PIREIRA e poucos mais (1870 a dias de hoje);

VIII. *Bifurcação haeckeliana do evolucionismo*, com DOMINGOS GUEDES CABRAL, MIRANDA AZEVEDO, LIVIO DE CASTRO, FAUSTO CARDOSO, OLIVEIRA FAUSTO e MARCOLINO FRAGOSO (1874 em diante);

IX. Varias tentativas independentes de ESTELITA TAPAJÓS e R. FARIAS BRITO, já d'antes precedidos, em certo sentido e sem igual esforço, por J. DE ARACJO RIBEIRO — VISCONDE DO RIO GRANDE (últimos tempos).

*

* *

Poucas explicações indispensáveis. Os que no Brasil se têm occupado da philosophia podem ser divididos em tres grupos: os meros *expositores*, mais ou menos habéis, de doutrinas estranhas, compactas, feitas, por elles abraçadas; os *criticos* de philosophia, espiritos inquietos, livres, independentes, que procuraram orientar-se, sem se sujeitarem completamente a um systema importado, posto que se arrimassem em parte num qualquer; os que tiveram de si mesmos a opinião de terem sido *innovadores* e *creadores* de systemas.

Entre os simples expositores estão Mont'Alverne, Moraes e Valle, Soriano de Sousa, L. Pereira Barreto, Miguel Lemos, e R. Teixeira Mendes.

Em o numero dos criticos de philosophia, espiritos que procuraram caminho entre os systemas europeus, com segura autonomia de pensamento, contam-se: Tobias Barreto, Guedes Cabral, Sylvio Romero, Livio de Castro, Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua, Fausto Cardoso, Samuel de Oliveira, Liberato Bittencourt, França Pereira, etc.

Entre os que se julgaram originaes e chefes de systemas, citam-se: José de Araujo Ribeiro (Visconde do Rio Grande), com *O Fim da Creação*, R. Farias Brito, com *A Finalidade do Mundo* e Estelita Tapajós, com o bello livro que tem o modesto titulo de *Ensaios de Sciencia*.

As pretensões destes escriptores não foram, porém, amplamente justificadas.

A Prosa como arte

O modo de manejar a prosa, o estylo, considerado como manifestação litteraria, tem tido no Brasil a seguinte evolução:

I. A *fôrma singela*, ingenua, espontanea, dos melhores chronistas do seculo XVI, cujos principaes são — ANCHIETA, NOBREGA, CARDIM, GABRIEL SOARES, aos quaes se juntam FREI FRANCISCO DO ROSARIO, JORGE DE ALBUQUERQUE e o auctor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil*:

II. O *estylo mais cuidado*, porém menos espontaneo, dos escriptores dos começos do seculo XVII, cujo mais notavel é FREI VICENTE DO SALVADOR;

III. O *estylo pomposo dos gongoristas*, que

vão de meados do seculo XVII. a meados do XVIII, sendo os mais eminentes o PADRE ANTONIO VIEIRA, educado no Brasil, e que nelle passou a mór parte da existencia, ROCHA PITTA e outros;

IV. *A fórma dos grandes naturalistas* de fins do seculo XVIII e começos do XIX, menos singela do que a dos primitivos chronistas, mas muito mais simples do que a maneira dos *gongoristas*, sendo os principaes representantes — ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, JOSÉ VIEIRA COUTo, JOSÉ BONIFACIO, etc.;

V. *O estylo alti-sonante, e algum tanto emphatico*, dos pregadores das primeiras quatro decadas do seculo XIX, sendo os mais famosos — SÃO CARLOS, SAMPAIO, FREI BASTOS, VIGARIO BARRETO, JANUARIO BARBOSA, aos quaes se liga mui de perto MONT'ALVERNE;

VI. *O estylo, menos oratorio, mas ainda mui emphatico* — dos escriptores da primeira phase romantica, sendo os typos representativos mais evidentes — GONÇALVES DE MAGALHÃES, PORTO ALEGRE, SALLES TORRES HOMEM, ABBE T LIMA, JUSTINIANO DA ROCHA, etc.

VII. *O grupo selecto do Ataranhão* de cultores

do purismo, cujos principaes são ODORICO MENDES, GONÇALVES DIAS, JOÃO LISBOA, SOTERO DOS REIS, etc. (mesmo periodo de 1840 a 60 ou pouco mais):

VIII. O *estyllo descuidadissimo* dos auctores que se seguem immediatamente, cujos typos mais significativos são — TEIXEIRA E SOUSA, J. MANOEL DE MACEDO, NORBERTO SILVA, (1840-70);

IX. *Reacção elegante*, provocada por FRANCISCO OCTAVIANO, JOSÉ DE ALENCAR, este principalmente, e raros mais, prestando attenção ás bellezas de colorido, fulgor de imagens, sem cuidar muito de perto dos rigores da grammatica, (de 1860, ou pouco antes, em diante); grupo no qual se deve incluir TÓBIAS BARRETO, elegantissimo prosador:

X. *Reacção mais rigorosa*, que além dos cuidados da esthetica, attende aos reclamos da syntaxe, cujos principaes chefes são — MACHADO DE ASSIS, RUY BARBOSA, CARLOS DE LAET e outros, (de 1870 em diante).

*

*

*

Se se lançar uma vista inquiridora sobre o conjunto dos prosadores do seculo XIX, cremos que se poderá affirmar terem sido os seguintes os homens que, durante tal periodo, o mais brilhante da nossa litteratura, manejeram melhor no Brasil a palavra escripta, na difficil arte da prosa:

Mont'Alverne, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha, Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Tobias Barreto, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, José do Patrocínio, Raul Pompêa e Coelho Netto. São os nomes dos dezeseis laureados do estylo em nossa terra. Como se está a vêr, estão ali por ordem chronologica e enchem o seculo, a começar em Frei Francisco de Mont'Alverne, o mais fraco em fulgores de fôrma, até Coelho Netto, o mais imaginoso de todos, passando pelo rutilante estylo de Ruy Barbosa, o mais aprimorado em arte entre seus pares.

Cada um delles tem uma nota especial e typica.

Mont'Alverne, certa fluidez sonora, como especialmente está para sentir-se no celebre *Sermão de S. Pedro de Alcantara* e no *Prefacio das Obras Oratorias*. Torres Homem, o movimento do periodo, que é correntio e cantante.

Justiniano da Rocha, a placidez, alliada á variedade das tintas, á adaptação e maleabilidade aos assumptos. Gonçalves Dias, a vernaculidade adjuncta á mais completa simplicidade.

Francisco Lisboa, alguma cousa que lembra Alexandre Herculano pelo brilho sóbrio e seguro.

Quintino Bocayuva, nos bons tempos em que illuminava as paginas dos artigos de fundo, a desenvoltura, a amplitude dos periodos, contidos sempre num desenho bem contornado. Machado de Assis, a correccção, o gosto discreto e puro, sem audacias, sem grandes vibrações, porém sereno, apaziguado e doce. José de Alencar, a riqueza das tintas, a variedade dos epithetos, o gracioso das imagens, a caricia dos tons, que lembram a musica, velada e embriagante, das confabulações femininas. Ferreira de Araujo, a trama delicada, tecida de

bom senso e *humour* innocente. Tobias, o calor, a vida, o movimento, a eloquencia vibrante.

Ruy Barbosa, este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, dizendo que é, como Victor Hugo em França, o primeiro talento verbal da nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assumpto e o sentimento da occasião.

Joaquim Nabuco, a arte do periodo sonoro, realçado de vez em quando por certos ditos que gravam.

Carlos de Laet, o sabor classico dado a provar de mistura com a ironia moderna, acerada, implacavel. Raul Pompéa, o brilho, o scintillar das phrases. José do Patrocínio, a vibração das palavras, a eloquencia dos reptos.

Coelho Netto, o vocabulario variado, ao serviço de uma imaginação arisca e turbulenta, dando-nos paginas descriptivas, valorosas, empolgantes.

Taes os reis da palavra escripta no Brasil.

Em segundo plano destacam-se, com assinalados titulos, Ramiz Galvão, Rozendo Moniz, Julio Ribeiro, Araripe Junior, Francisco de Castro, Nestor Victor, Inglez de Sousa, Affonso

Celso (o moço), Olavo Bilac, Graça Aranha, Aluizio e Arthur Azevedo, João Ribeiro e Hemeterio dos Santos.

Iguaes direitos a distincto logar entre os prosadores possuem: Franklin Tavora, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, França Pereira, Theotonio Freire, Phaelante da Camara.

Cumprer ponderar, por fim, que, desde 1500 até á *primeira phase do romantismo* e ao *grupo maranhense*, predominou a influencia portugueza na lingua.

Depois veio desasada reacção que tudo maculou — esthetica e grammatica.

Sob o influxo de um *falso nacionalismo*, a lingua desceu quasi aos ultimos degrãos da incorrectão. Nem sequer era estudada como *preparatorio!*... A reacção de Octaviano e Alencar foi, quanto á grammatica, dentro ainda da falsa opposição ao purismo; mas, quanto ao brilho, á plastica, prestou altos serviços.

A reacção final de Machado, Ruy, Laet, unindo João Lisboa a Alencar, isto é, a correctão á elegancia, foi de notavel alcance.

FIM

INDICE

I—Sentido theorico da litteratura brasileira.	7
II— Phases evolutivas da litteratura brasileira	19
III— Poesia	26
IV— Theatro	37
V— Romance e Conto	43
VI— Eloquencia	51
VII— Historia	55
VIII— Critica.	61
IX— Pilosophia	69
X— A Prosa como arte	73